



O local de trabalho de Hercules Florence, em sua residência em Campinas.

Florence, pioneiro no sertão e na fotografia

ERNANI SILVA BRUNO

Não deve passar sem registro o aparecimento da segunda edição — com a disposição do texto reestruturada e interpretações mais desenvolvidas — do livro em que o professor Boris Kossoy estuda e comprova a “descoberta isolada” da fotografia no Brasil, em 1833, por Hercules Florence.

Florence é nome familiar aos que frequentam a rica e inesgotável literatura de viajantes — sobretudo franceses, alemães, ingleses — viajantes que no século passado, principalmente a partir da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, vieram se perder nas lonjuras do trópico sul-americano, às vezes para pesquisar pedras, plantas ou bichos, outras vezes com o objetivo de comprovar possibilidades comerciais para produtos da Europa.

Desses viajantes estrangeiros que escreveram relatos — relatos de tamanha importância para o conhecimento das raízes histórico-sociais do Brasil — Hercules Florence parece ter sido o primeiro que, seguindo o roteiro das antigas monções, Tietê abaixo, percorreu as remotas paragens de Mato Grosso, menos conhecidas por mais distantes da costa.

Dotado de talento incomum para o desenho, e tendo se aprofundado em estudos de matemática, Florence — ainda jovem, na França, — sonhava com a vida do mar, e foi como grumete de um navio que veio parar no Brasil. Sua vocação de marujo se realizaria, em parte, na longa viagem fluvial que enfrentou, contratado como desenhista, pela expedição do Barão de Langsdorff.

Curioso é o flagrante em que fala de sua primeira impressão, ao desembarcar no Rio de Janeiro, em 1824: “Atravessei o pequeno largo do Capim, onde se açoitava um preto amarrado ao pelourinho. Esta cena me revoltou, pois eu era bisonho quanto à escravidão. Mais adiante vi a fachada de São Francisco de Paulo, onde estava escrito em grossas letras — “Charitas” — e não pude deixar de maldizer um povo que afetava tanto a caridade e que açoitava os negros”.

Sua narrativa de viagem, concluída em 1829, ficou esquecida, no meio de outros papéis, na casa da família Taunay, até 1874, quando o Visconde de Taunay — autorizado por Florence, que então morava em Campinas — a publicou, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1875.

E uma narrativa por vezes monótona, como deve ter sido sua viagem de canoa pelos rios infundáveis. “Talvez se tornem por fim enfadonhas — escreveu o próprio Florence — as descrições que faço de cachoeiras, porque sou obrigado a repetir quase sempre a mesma coisa, e tudo se resume em água, espuma, rochas e ruídos, mas de todas dou conta, do mesmo modo que um diário de bordo relata as menores alterações da atmosfera.”

Valiosas são as descrições que ele deixou de Jundiá, de Campinas, de Itu, desse oeste paulista onde ele acabaria por se radicar, talvez porque ali tivesse encontrado acolhida generosa. Florence diz em seu livro que os habitantes da província de São Paulo, “tidos, entre os brasileiros, como valentes e rancorosos”, eram no entanto hospitaleiros, francos e “amigos dos estrangeiros”.

Quem não deve a Hercules Florence — perguntava o historiador Afonso de E. Taunay — a história dos costumes brasileiros, em São Paulo e Mato Grosso? E explicava: “Muitos de seus desenhos constituem documentos únicos no gênero: assim por exemplo os que deixou das monções para Mato Grosso, das cavalhadas de Sorocaba, da velha indústria açucareira de Campinas, das aberturas dos



Foto do pesquisador francês, em 1875.

primeiros cafezais no oeste paulista, da vida dos tropeiros nos pousos do Caminho do Mar...”

Depois de sua longa viagem “por dentro do Brasil”, Florence fixou-se em Campinas e foi aí que fez suas experiências com o que ele denominava a Poligrafia e a Fotografia (1832), uma vez que se preocupava com uma forma simples de impressão, em uma época em que inexistiam tipografias no interior de São Paulo.

Mas a despeito de suas próprias comunicações à imprensa brasileira de seu tempo e das referências que ao assunto faria, no ano de 1900, Estevão Leão Bourroul, em seu ensaio histórico-literário faltava uma pesquisa de cunho científico que colocasse em termos menos indecisos e lendários o pioneirismo de Hercules Florence em relação à fotografia.

O professor Boris Kossoy assumiu a tarefa. Como consequência de pesquisas que iniciara em 1972, com o objetivo de levantar os dados para uma futura História da Fotografia no Brasil, verificou que era ainda fato não constatado o papel de Hercules Florence como inventor isolado da fotografia. A paciente e criteriosa pesquisa de Kossoy — relatada no livro agora reeditado — começou pela catalogação e interpretação dos documentos existentes, prosseguiu pela confrontação das experiências de Florence com as realizações de outros precursores, como Niepce, Daguerre, Fox Talbot, Bayard, e finalizou pela comprovação dos processos químicos utilizados pelo francês radicado em Campinas — experiências repetidas a seu pedido, em 1976, pelo Rochester Institute of Technology.

O autor do livro conclui: “A história da fotografia no Brasil e nas Américas tem seu primeiro capítulo com as experiências precursoras isoladas, realizadas na vila de São Carlos (Campinas), Província de São Paulo, a partir de 1833, pelo gênio inventivo francês Antoine Hercules Romuald Florence.” O que lhe permite chamar a atenção, de outra parte, para o fato de que a obra de Florence constitui exemplo vivo de um trabalho empreendido em condições desfavoráveis, em um “remoto” e “exótico” vilarejo da América Latina.